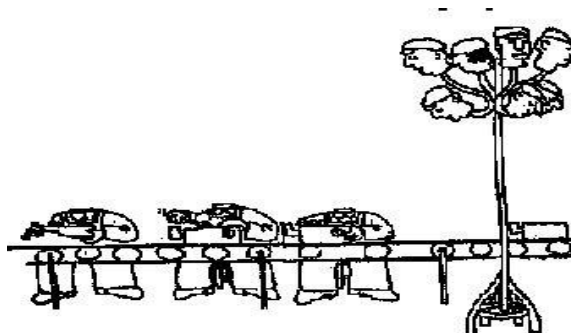


LENINISMO E DOMINAÇÃO BUROCRÁTICA: OS ESCRITOS DE LÊNIN ACERCA DO TAYLORISMO

Aline Ferreira¹

Gabriel Teles²



“Cada cozinheiro deve aprender a administrar o Estado”.

Lênin em Estado e Revolução, 1918

“Está muito certo dizer como Lenine (no Estado e a Revolução) que cada cozinheiro deve aprender a administrar o Estado. Mas, o que acontecerá quando cada cozinheiro tiver um comissário nomeado a dirigi-lo?”

Bukharin em Kommunist (jornal) N. 1, abril de 1918

“Tinha-se proclamado em 1917 que “todos os cozinheiros deviam aprender a governar o Estado”. Em 1921 o estado era suficiente poderoso para mandar em todos os cozinheiros!”
Maurice Brinton em Os bolcheviques e o Controle Operário, 1975

A história é contada e escrita pelos vencedores, já dizia George Orwell. Na sociedade capitalista, acrescentaríamos: a história é contada pela classe dominante e suas classes auxiliares e escrita pelos seus representantes ideológicos. A experiência da Revolução Russa, uma das expressões históricas do proletariado revolucionário autodeterminado rumo à dissolução do capitalismo, não escapa desse processo. O que há de mais revolucionário é sumariamente deformado ou esquecido

¹ Militante do Movimento Autogestionário (MOVAUT). Contato: allinex3@gmail.com

² Militante do Movimento Autogestionário (MOVAUT). Contato: teles.gabriel@gmail.com

e, em seu lugar, é expresso o que há de mais contrarrevolucionário, louvando-o como se fosse uma vitória.

A contrarrevolução no contexto da experiência russa foi burocrática. A burocracia (enquanto classe social) teve papel fundamental nesse processo. Foi ela que contribuiu, de forma decisiva, para a manutenção do modo de produção capitalista, castrando e dominando o movimento operário e instaurando o capitalismo de Estado na Rússia e demais países sob sua influência. A classe burocrática, sobretudo sua fração radicalizada, bem como seus representantes ideológicos, colocava que seus interesses eram os mesmos que os interesses do proletariado; ou seja, seriam sua vanguarda, contribuiriam para a revolução dos trabalhadores.

Ledo engano. Apesar de muitos revolucionários, já antes, denunciarem esse tipo de proposta³, outros caíram no canto da sereia do conto burocrático, o que contribuiu para a consolidação do poder de um partido político no poder na Rússia de 1917: o Partido Bolchevique. Um dos principais nomes desse partido, tanto do ponto de vista intelectual (ideológico), quanto do ponto de vista da direção de ações políticas, foi o conhecido e famoso Lênin.

Sua ação política e seus escritos foram fundamentais para a consolidação de uma determinada fração da classe burocrática que buscava se autonomizar e tomar o poder do Estado. Com a tomada do poder em outubro de 1917, o Partido Bolchevique, já nos primeiros anos, foi corroendo as formas de auto-organização dos trabalhadores russos (soviets – conselhos operários), buscando controlá-los e dominá-los a partir dos moldes burocráticos. Depois do golpe de Estado bolchevique,

³ Marx, antes mesmo da própria experiência russa, cuja ideologia da vanguarda e sua proposição prática fora efetivada, já denunciava essa prática e forma de pensar: “Quanto ao que nos concerne, temos diante de nós, levando em conta todo nosso passado, um único caminho a seguir. Há quarenta anos, colocamos em primeiro plano a luta de classe como força motriz da história, em particular, a luta de classes entre a burguesia e o proletariado como a mais poderosa alavanca da revolução social. Portanto, é nos impossível caminhar junto com pessoas que tendam a suprimir do movimento essa luta de classes. Quando fundamos a Internacional lançamos em termos claros seu grito de guerra "a emancipação da classe operária será obra da própria classe operária". Não podemos evidentemente caminhar com pessoas que declaram aos quatros cantos que os operários são muito pouco instruídos para poder emancipar a si mesmos, e que eles devem ser libertados pelas cúpulas, pelos filantropos burgueses e pequeno-burgueses.” (MARX & ENGELS; 1978)

e do inicial entusiasmo (que durou poucos meses, diga-se de passagem), a desilusão começou a se desenvolver por parte de indivíduos e coletivos revolucionários e, sobretudo, pelos próprios trabalhadores, que sentiam na pele a perda de suas conquistas. Lênin foi o grande articulador político desse processo e igualmente o grande ideólogo que buscou legitimar as suas próprias práticas e de sua classe social.

Nesse sentido, buscamos neste texto dar continuidade à crítica que iniciamos em trabalho anterior⁴ (FERREIRA; TELES, 2017), focalizando a ideologia leninista e seus desdobramentos contrarrevolucionários na luta pela transformação social a partir do movimento operário. No trabalho prévio, buscamos colocar às claras o interesse burocrático em torno da ideia de “período de transição socialista” proposta por Lênin, expressando seu caráter antagônico à perspectiva e concepção marxista e suas consequências para o movimento operário. Além disso, esboçamos alguns desdobramentos dessa perspectiva leninista ao longo da história, suas tentativas de desenvolvimento ideológico e “atualização” histórica proposta por alguns intelectuais ou burocratas – tanto em nível nacional quanto internacional.

O foco no presente texto é outro, apesar de ainda estar assentado em uma crítica ao leninismo e sua base ideológica. Aqui buscamos evidenciar uma das formas de legitimação da dominação burocrática sobre o movimento operário proposta e legitimadas em alguns escritos de Lênin. O foco, então, recai sob um dos elementos dessa dominação burocrática: a organização do trabalho. Lênin, nesse sentido, coloca em seus escritos, ao longo de sua ação enquanto dirigente máximo do Partido Bolchevique, a necessidade de maior disciplina e produtividade entre os trabalhadores, a introdução do trabalho obrigatório (e posteriormente militarizado, proposta por Trotsky e acatada por Lênin) e o prolongamento do dia de trabalho, além do pagamento por peça. Uma das formas de se obter maior controle sobre a organização de trabalho e uma maior produtividade se deu através dos “métodos científicos” desta organização. Por isso Lênin resgata Taylor em seus escritos.

⁴ Cf. *Período de Transição ou Contrarrevolução Burocrática? Crítica ao Leninismo e seus desdobramentos Históricos* (FERREIRA; TELES, 2017).

Nesse sentido, o objetivo do presente texto é apresentar, criticamente, os escritos de Lênin sobre o sistema Taylor e sua implementação na Rússia, colocando como uma das formas de legitimação burocrática em torno do movimento operário.

Para tanto, realizaremos a seguinte trajetória: 1) breves apontamentos de como se deu o processo de dominação burocrática e o esvaziamento do conteúdo revolucionário dos soviets; 2) definição de taylorismo, apontando suas principais teses; 3) apresentação dos escritos de Lênin sobre o taylorismo, apontando algumas críticas; 4) considerações finais apontando para a nossa perspectiva de defesa à autogestão social.

A contrarrevolução burocrática

Os soviets (conselhos operários) surgiram na Revolução Russa de 1905 como expressão da autogestão das lutas do movimento operário. Portanto, eles não surgiram a partir de uma “invenção” proveniente da “mente” de determinado intelectual. Durante as diversas greves desencadeadas em 1905, “os grevistas escolhiam delegados que se organizavam em nome de toda uma cidade, ou ainda da indústria ou dos caminhos de ferro de toda uma província, a fim de provocar uma unidade no combate” (PANNEKOEK, 1936). Assim, havia discussões políticas contra o czarismo, defendendo os interesses dos trabalhadores. Esses delegados eram escolhidos por meio de assembleias gerais e compunham os soviets.

Eles [os soviets] tornaram-se assim o centro permanente da revolução; eram compostos pelos delegados de todas as fábricas quer elas estivessem em greve ou em funcionamento. Não podiam prever tornar-se alguma vez um poder independente, pois os respectivos membros nos sovietes eram muitas vezes mudados; por vezes era o próprio soviete que era inteiramente substituído. Sabiam por outro lado que todo o seu poder estava nas mãos dos trabalhadores; não podiam obrigá-los a entrar em greve e os seus apelos não eram seguidos se não coincidisse com os sentimentos instintivos dos operários que sabiam espontaneamente se estavam em situação de fora ou de fraqueza, se a hora era de paixão ou de prudência. Assim o sistema dos sovietes mostrou qual era a forma de organização mais apropriada para a classe operária revolucionária (PANNEKOEK, 1936).

Assim, os operários, por meio dos conselhos, participavam diretamente das discussões e decisões, sem precisar de uma vanguarda que falasse ou tomasse decisões por eles. Como explicitado no trecho acima, os delegados poderiam ser

revogados, assim como determinado soviet. Esse modo de auto-organização dos trabalhadores foi retomado em outros momentos, em diferentes países, como na Revolução Alemã (1918). Além disso, também esteve presente na Revolução Russa de 1917, antes da tomada do poder estatal pelos bolcheviques em outubro deste mesmo ano.

Ainda que o termo *soviet* fosse bastante utilizado, dando origem ao nome *União das Repúblicas Socialistas Soviéticas* (URSS), ou simplesmente *União Soviética*, ele, na verdade, tinha uma função apenas formal nesse país. Isso porque após a “Revolução de Outubro” (uma contrarrevolução burocrática) os *soviets* foram cada vez mais incorporados e controlados pelo estado. Ou seja, foram destruídos, existindo apenas como um nome, esvaziado de seu conteúdo revolucionário. Assim, se antes os trabalhadores possuíam autonomia para tomar suas próprias decisões, coletivamente, a partir desses acontecimentos tudo passou a ser ditado pelo Partido: “Os Sovietes tornaram-se meros órgãos de ratificação (simples distribuidores de carimbos oficiais)” (BRINTON, 1975, p. 140-141). Rago e Moreira (1984) resumem este processo:

Ao defender a ideia do reforço da disciplina dos trabalhadores e de sua submissão a uma “vontade única” no interior da fábrica, Lênin descreditava uma outra alternativa de construção do socialismo, realizada a partir das organizações de base. Por isso é fácil entender que logo após a revolução tenha sido criado o Controle Operário, órgão ao qual se deveriam subordinar os comitês de fábrica e, posteriormente, o Conselho Superior de Economia Nacional (*Vesenka*) ao qual o Controle Operário se subordinou num primeiro momento, sendo suprimido de vez logo depois. A *Vesenka* passou assim a centralizar progressivamente um imenso poder sobre toda a legislação da vida econômica na Rússia, o que resultou na eliminação dos comitês de fábrica e na pulverização dos *Soviets* (RAGO; MOREIRA, 1984, p. 87-88).

Esses acontecimentos são apresentados de forma minuciosa por Maurice Brinton (1975) em seu livro *Os Bolcheviques e o Controle Operário [1917-1921]*. Consideramos importante retomar alguns fatos apresentados por este autor, pois eles são importantes para embasarmos a crítica proposta neste artigo. O primeiro elemento a ser apontada é o modo como o Partido Bolchevique se utilizou dos sindicatos para efetivar o processo de destruição dos comitês de fábrica e, assim, dos *soviets*. Entre os dias 7 e 14 de janeiro de 1918, por exemplo, houve o Primeiro Congresso Pan-Russo dos Sindicatos. Nele, “com a sua esmagadora maioria

bolchevique, votou a transformação dos Comitês de Fábrica em órgãos sindicais” (BRINTON, 1975, p. 98). O argumento utilizado era o de que os sindicatos seriam mais “estáveis”, em contraposição à “anarquia” dos comitês. Isso significa dizer, na verdade, que os sindicatos eram mais controláveis. Assim, defendia-se que “Logo que os Comitês de Fábrica tenham sido ‘devorados’, os sindicatos serão os agentes intermediários através dos quais o controle operário será gradualmente convertido em controle estatal” (*ibidem*, p. 99).

Já em 1919 os Comitês de Fábrica estavam completamente esmagados. Desse modo, a expressão “Estado operário” torna-se uma contradição, já que os operários não comandavam o Estado, mas sim uma vanguarda que dizia representá-los⁵. Quem detinha o poder e comandava a URSS, desde o seu início, não eram os operários, mas sim os burocratas novos (bolcheviques), juntamente com membros do antigo regime (da época do czarismo): “Era indiscutível que os burocratas soviéticos destes primeiros anos eram, em regra, antigos membros da inteligentzia burguesa ou da classe dirigente, e trouxeram com eles muitas das tradições da antiga burocracia russa”⁶ (CARR *apud* BRINTON, 1975, p. 130).

Nesse sentido, o que vemos é um esvaziamento dos *soviets*, fazendo com que o poder de decisão dos próprios operários fosse relegado, enquanto uma vanguarda os dirigia. Houve, portanto, a concretização do poder da burocracia partidária bolchevique, que se tornou burocracia estatal e passou a governar a URSS. Por isso afirmamos que a Revolução de Outubro deve se denominar Contrarrevolução Burocrática, pois se tratou da tomada do poder do Estado pelo Partido Bolchevique.

⁵ Partimos da concepção de que é impossível existir um Estado operário. Se um operário começa a dirigir um Estado, ele deixa de ser operário para ser um burocrata. A emancipação humana só é possível a partir da criação de uma sociabilidade nova onde não haja uma relação entre dirigentes e dirigidos, ou seja, ela é possível apenas com a destruição completa do modo de produção capitalista como um todo – o que inclui o Estado. Isso significa a construção de uma sociedade sem Estado e livre de exploração – a autogestão social (comunismo). Uma das tarefas do movimento operário, portanto, não é tomar o poder e apoderar-se do aparelho estatal e sim destruí-lo.

⁶ A partir dessa citação percebemos que Carr (*apud* Brinton, 1975, p. 130) possui uma definição restrita de burocracia, já que não aponta que os bolcheviques, na verdade, também eram burocratas. Estes, primeiramente, formavam uma burocracia partidária, e, depois, também estatal, já que conseguiram tomar o poder. No entanto, é interessante perceber a partir dessa citação os interesses dos bolcheviques que, apesar de um discurso que condenava a burguesia, se apropriava de elementos dela, posto que queria tomar o seu posto.

Se antes os operários se auto-organizavam e decidiam coletivamente, os chefes de partido passaram a comandar o que deveria ou não fazer, subordinando esses operários a seu mando e dirigência.

Essa relação burocrática (isto é, uma relação entre dirigentes e dirigidos) está ligada diretamente à maneira como a organização do trabalho se configurará na União Soviética, reiterando as relações capitalistas de exploração e alienação, muito distantes da emancipação humana e reproduzindo, de forma exata, as relações de produção capitalista. Lênin apontará a necessidade de se implementar o taylorismo em território soviético, argumentando que isso não entraria em contradição com aquilo que ele chama de socialismo (que é, na verdade, um capitalismo estatal), já que se utilizado por um Estado “operário” esta organização do trabalho traria “benefícios”.

Assim, há um contexto de debate sobre como lidar com a organização do trabalho, perpassando tanto uma discussão ligada ao taylorismo quanto à militarização do trabalho. Isso não ocorreu com a abertura de discussão com os próprios trabalhadores, mas a partir de debates entre intelectuais e burocratas, vindos de cima para baixo, que realizariam uma imposição sob as indústrias. A implementação ocorreu também, da mesma maneira impositiva, a partir dos comandos dos sindicatos influenciados pelo Partido, excluindo possibilidades de manifestações contrárias.

Os sindicatos deviam “enviar todos os esforços para aumentar a produtividade do trabalho e criar de facto, nas fábricas e oficinas, as raízes indispensáveis à disciplina no trabalho”. Cada sindicato devia estabelecer uma comissão para “fixar as normas de produtividade para cada ofício e categoria de operários”. Estabeleceu-se o trabalho à peça “para aumentar a produtividade do trabalho”. Dizia-se que “os prêmios para aumentar a produtividade acima das normas estabelecidas podiam, dentro de certos limites, ser uma medida útil para o conseguir sem fatigar o operário”. Finalmente se “grupos independentes de operários” recusassem submeter-se à disciplina sindical, podiam, em último caso, ser expulsos dos sindicatos “com todas as consequências que isso acarreta” (BRINTON, 1975, p. 109).

É importante ressaltarmos essa ligação entre partido, sindicato e necessidade de controle do trabalho, pois isso nos ajudará a compreender melhor os textos de Lênin sobre taylorismo e sua aparente mudança de percepção. Mas antes de entrarmos em seus escritos sobre o taylorismo, é necessário explicitarmos o que

compreendemos por essa organização do trabalho e quais são os seus desdobramentos históricos. É o que efetivaremos no tópico a seguir.

Constituição histórica do taylorismo

O taylorismo é apresentado como uma organização científica do trabalho criada pelo norte-americano Frederick Taylor no final do século XIX e início do século XX. Este seria caracterizado por ser um “Método de racionalizar a produção, logo, de possibilitar o aumento da produtividade do trabalho ‘economizando tempo’, suprimindo gestos desnecessários e comportamentos supérfluos no interior do processo produtivo” (RAGO; MOREIRA, 1984, p. 10)⁷.

Taylor trabalhou como operário, capataz e se tornou engenheiro. Ele sistematizou suas principais ideias no livro *Princípios da administração científica*, publicado em 1911. Tais ideias, que vieram da sistematização de práticas já existentes, influenciaram a burguesia norte-americana e europeia a implantar em suas indústrias.

Por focalizar no controle do tempo da produção, ele tentou atender às demandas capitalistas de extração de mais-valor.

A diminuição da jornada de trabalho significa uma queda na extração de mais-valor absoluto. A isto se respondeu com a busca de aumento da extração do mais-valor relativo. A obra de Friedrich Taylor representa a tentativa de realizar um aumento de produtividade, ou seja, de extração de mais-valor, através da organização do trabalho. A chamada “organização científica do trabalho”, ou simplesmente taylorismo, é o primeiro passo para se conseguir combater a tendência de queda da taxa de lucro médio. Tal tentativa de combater a tendência declinante da taxa de lucro acontecia espontaneamente, e foi com a obra de Taylor que surgiu uma concepção consciente e racionalizada de como fazer isto (VIANA, 2009, p. 65).

Isso revela a aproximação do engenheiro norte-americano com os interesses da classe burguesa, perpetuando o modo de produção capitalista, o que ficará evidente em seus escritos. Assim, o que vemos em *Princípios da administração*

⁷ Taylor também preconizava que o seu modo de organização se alastrasse pela sociedade, isto é, expandido-se para além dos muros das fábricas: “Esperamos, contudo, ter deixado claro que os mesmos princípios, com resultados iguais, podem ser aplicados em qualquer atividade social” (TAYLOR, 1995, p. 23). O interessante é notar que isso se concretizou de fato na sociedade capitalista. Assim, é que surge a ideia de “perda de tempo” ou da necessidade de se constituir um tempo específico para o lazer, dentre outras coisas. Nas palavras de Rago e Moreira (1984, p. 11) “há muito tempo guardamos um relógio moral que nos pressiona contra o ócio”.

científica são apontamentos sobre como o capitalista deve agir em relação à resistência operária, que é manifestada a partir do trabalho realizado, propositalmente, de forma lenta (“fazer cera”). O engenheiro norte-americano deixa claro que um dos principais males que impedem a maior produtividade industrial está relacionado a esses tipos de resistências. Na verdade, ele não enxerga essas atitudes como resistência, mas sim como *vadiagem do trabalho* – termo utilizado por ele. Assim, para resolver o “problema” da “vadiagem” é necessário criar e se utilizar de uma organização científica do trabalho – proposta por ele próprio.

Taylor sempre enfatizou a ideia de que sua organização do trabalho beneficiaria tanto o “patrão”, quanto o “trabalhador”. Assim, ele tenta apaziguar o conflito, apagando a existência real da luta de classes e, ainda, coloca a ciência e técnica como neutras.

A adoção generalizada da administração científica poderá, no futuro, prontamente dobrar a produtividade do homem médio, empregado no trabalho industrial. [...] A administração científica significará, para os patrões e operários que a adotarem – e particularmente para aqueles que a implantaram, em primeiro lugar – a eliminação de todas as causas de disputa e desentendimento entre si. A determinação duma tarefa diária de trabalho será uma questão científica, em lugar de objeto de negociações e de regateamento. O sistema de *fazer cera*⁸ cessará, porque não terá mais razão para subsistir (TAYLOR, 1995, p. 102).

Além disso, ele remete a origem dos baixos salários aos operários que “fazem cera”. Como já mencionado, uma das soluções para se acabar com este tipo de ação seria aplicar o seu método científico, que defende o controle do trabalhador (no sentido de vigiá-lo e instruí-lo rigidamente) para a “otimização” da velocidade de tempo do trabalho. Por isso a cronometragem é um elemento essencial do taylorismo.

Assim, Taylor propõe que haja uma divisão clara entre *concepção* e *execução*. Isso significa que se deve separar o trabalho intelectual do manual de forma ainda mais intensa do que já existe, concebendo-a em um sentido mais benéfico possível (do ponto de vista da produtividade) e, assim, naturalizando-a. Taylor presume que um operário não consegue compreender a ciência proposta por ele, havendo a necessidade de haver pessoas específicas que planejem e controlem aquilo que deve

⁸ Trabalhar lentamente ou destruir máquinas de maneira proposital.

ser feito. Tal separação entre dirigentes e dirigidos é a expressão de relações de classe e, no caso do modo de produção capitalista, de relações burocráticas. Aquele que dirige é o burocrata, tendo o controle de quem é dirigido, contribuindo para a sua alienação. Desse modo, percebemos uma aproximação entre taylorismo e a ideologia da vanguarda de Lênin, no sentido de que elas possuem semelhanças entre si.

Estabeleço como princípio geral [...] que, em quase todas as artes mecânicas, a ciência que estuda a ação dos trabalhadores é tão vasta e complicada que o operário, ainda mais competente, é incapaz de compreender esta ciência, sem a orientação e auxílio de colaboradores e chefes, quer por falta de instrução, quer por *capacidade mental insuficiente*. A fim de que o trabalho possa ser feito de acordo com leis científicas, é necessária melhor divisão de responsabilidades entre a direção e o trabalhador do que a atualmente observada em qualquer dos tipos comuns de administração (TAYLOR, 1995, p. 34, grifos nossos).

É assim que se cria a necessidade direção que, nesse caso, é representado pelo gerente que realiza um planejamento isoladamente, enquanto os operários têm a função apenas de executá-lo. Desse modo, “A direção deve fornecer professores para instruírem o novo trabalhador nos melhores e mais simples movimentos, e os operários lentos devem ser constantemente cronometrados e auxiliados, até atingirem a velocidade conveniente” (TAYLOR, 1995, p. 66). Se a grande preocupação é a questão do tempo de trabalho, então o que está em jogo é o processo de valorização e a extração do mais-valor.

Este processo de valorização se caracteriza por ser conflituoso, ou seja, há uma luta entre a classe capitalista, por um lado, e o proletariado, por outro. A luta se dá fundamentalmente em torno do tempo do trabalho. Isto se justifica pelo fato de que, tal como Marx havia colocado, o valor de uma mercadoria é determinado pelo tempo de trabalho socialmente necessário para sua produção. Daí a classe capitalista querer exercer um controle minucioso sobre o tempo de trabalho. Isto se revela não só na questão da jornada de trabalho, mas também na luta para diminuir o “tempo morto” levada a cabo pela classe capitalista e sistematizada como pensamento através da obra de F. W. Taylor (VIANA, 2009, p. 46-47).

Desse modo, a concepção taylorista é intrínseca aos interesses da classe burguesa para a perpetuação do modo de produção capitalista, a partir da continuidade da extração do mais-valor. Sendo que este aspecto se concretizaria a partir da mediação burocrática, que têm como objetivo controlar os trabalhadores, impedindo a tomada de consciência do trabalho alienado e, portanto, formando uma barreira para que haja uma revolução social. Por isso, não por acaso, existiram

diversas greves em reação à implantação do taylorismo. A principal rejeição se dava à implantação do *cronometrista*. E em algumas destas greves os operários deixavam explícita a percepção de como aquilo os prendiam (devido ao controle exacerbado) e os alienavam ainda mais.

Segundo o discurso operário [do periódico francês *La Bataille Syndicaliste*], o objetivo do patronato ao introduzir a cronometragem e o taylorismo era o de elevar a produção, privando o operário de toda a iniciativa e criatividade em sua atividade. Chegava mesmo a afirmar que para os patrões convinha abaixar o nível mental dos trabalhadores, destituindo-os de todo e qualquer ideal político. Explicando que o taylorismo desqualificaria o trabalho operário, o que resultaria na fácil substituição dos operários qualificados, sobretudo os mais velhos, o jornal exortava os trabalhadores a unirem-se na luta contra o “famoso método Taylor” (RAGO; MOREIRA, 1984, p. 53).

Nesse sentido, é impossível pensar no taylorismo de forma “neutra”, desvincilhada de suas origens e autor que possuía interesses específicos.

Com essa introdução acerca do taylorismo, podemos avançar para o entendimento deste sistema por Lênin.

Apontamentos críticos aos escritos de Lênin sobre o taylorismo

Lênin não escreveu muito sobre o taylorismo, seus textos sobre o assunto são poucos e não extensos, apesar da grande importância que ele dá para essa questão. Utilizaremos como base os seguintes textos: *Sistema “científico” de estrujar el sudor* [Sistema “científico” para esmagar o operário], de 1913; *El taylorismo es la esclavización del hombre por la máquina* [O taylorismo é a escravização do homem pela máquina], de 1914; e, por fim, *Tarefas imediatas do poder soviético* (última versão), de 1918.

Em 1913 o líder bolchevique afirmará que o taylorismo esmaga o operário três vezes mais na mesma jornada de trabalho, fadigando ainda mais o trabalhador (LENIN, 2013a). Além disso, ele chama a atenção para a o controle do tempo (provavelmente se referindo à cronometragem) em um sentido pejorativo, aspecto que se tornará positivo no seu texto de 1918.

Se hace trabajar al obrero más fuerte y hábil; se registra valiéndose de un reloj especial – em segundos y décimos de segundo el tiempo que invierte en cada operación, en cada movimiento; se elaboran los procedimientos

de trabalho más económico y productivos; se reproduce el trabajo del mejor obrero en una cinematográfica, etc. El resultado es que en las mismas 9 ó 10 horas de la jornada laboral se le estruja al obrero três veces más trabajo, se dilapidan despiadadamente todas sus energías, se absorbe con triplicada rapidez cada gota de energía nerviosa y muscular del esclavo asalariado (LÊNIN, 2013, p. 4).

Aqui, ele não aponta nenhuma brecha para quaisquer benefícios que essa técnica de organização do trabalho, intrinsecamente capitalista, possa oferecer: “El progreso de la técnica y de la ciencia es en la sociedad capitalista el progreso en el arte de estrujar sudor” (LÊNIN, 2013a, p. 4). Tal concepção mudará principalmente em seu texto de 1918. Trata-se, como na quase totalidade das ações de Lênin, de uma manobra oportunista como veremos a seguir.

Já em *El taylorismo es la esclavización del hombre por la máquina*, de 1914, ele afirma o seguinte:

La competencia, que se agudiza sobre todo en las épocas de crisis, como la que estamos sufriendo, le obliga a inventar nuevos y nuevos medios de abaratar la producción. Pero la dominación del capital convierte todos esos medios en instrumentos de opresión, cada vez mayor, del obrero. El taylorismo es uno de esos medios (LENIN, 2013b, p. 4).

Se nos atentarmos bem à sua afirmação, podemos concluir que a sua crítica ao taylorismo não é tão diferente daquilo que ele vai defender mais a frente, em 1918, onde prevê a existência de “pontos positivos” que podem ser aplicados ao socialismo. Este trecho já revela a sua visão fragmentada da realidade: a separação entre “instrumentos” (técnico) e “capitalismo”. Assim, não entendemos que há uma ruptura brusca entre este texto e o de 1918, mas mais um aprofundamento e necessidade de estabelecer interesses burocráticos, sobretudo se considerarmos os acontecimentos históricos deste ano. Mostraremos isso agora ao falar sobre o texto *Tarefas imediatas do poder soviético*, de 1918.

As *tarefas* que o título se refere são as de organização da administração russa, pós-tomada do poder do Estado em outubro de 1917. Neste texto, Lênin aponta para a necessidade de reestabelecimento das forças produtivas, arruinadas pela guerra. Ele também argumenta que para o “socialismo” se tornar melhor que o capitalismo é necessário que haja uma produtividade maior e que este seria o momento para colocar isso em prática.

Uma das condições de concretização disso seria a “condição do ascendo econômico a *elevação da disciplina dos trabalhadores*, a habilidade no trabalho, a eficácia, a *intensidade do trabalho*, a sua melhor organização” (LENIN, 2017, p. 331, grifos nossos). E é nesse momento que ele sugere “aplicar na prática e experimentar o salário à peça, aplicar muito do que há de científico e progressista no sistema de Taylor, regular o salário com os balanços gerais da produção ou com os resultados da exploração do transporte ferroviário, por barco etc. etc.” (LENIN, 2017, p. 332). Ele ainda afirma que “o russo é um mau trabalhador” (idem), por culpa do tsarismo; e, assim, “Aprender a trabalhar – essa é a tarefa que o Poder Soviético deve colocar em toda a sua envergadura perante o povo” (idem).

Desse modo, Lênin sequer menciona a questão do trabalho alienado, oportunisticamente. A justificativa sempre recai em um relativismo que atribui a “culpa” ao “contexto histórico”. No entanto, o que há por detrás disso é a necessidade de estabelecimento do poder bolchevique que não está preocupado com a transformação social via movimento operário, mas sim em dar continuidade à exploração e a dominação – ainda que o discurso consistisse no oposto. O trabalho alienado aparece como algo central e imprescindível. A construção da União Soviética está acima de tudo.

Dando continuidade às suas argumentações nesse sentido, ele afirma o seguinte:

A última palavra do capitalismo nesse aspecto, o sistema de Taylor – tal como todos os progressos do capitalismo –, reúne em si toda a *refinada crueldade da exploração burguesa* e uma série de *riquíssimas conquistas científicas* no campo da análise dos movimentos mecânicos no trabalho, a supressão dos movimentos supérfluos e inúteis, a elaboração dos métodos de trabalho mais corretos, a introdução dos melhores sistemas de registros e controle etc. (LENIN, 2017, p. 332-333, grifos nossos).

Na citação acima vemos que Lenin, de modo bastante claro, considera o taylorismo como algo que reúne elementos que podem ser pensadas separadamente: “refinada crueldade” e “riquíssimas conquistas científicas”. No entanto, ele não percebe que é impossível isolar essas duas coisas. Pela sua própria descrição do que consistem as “riquíssimas conquistas científicas” torna-se evidente que elas não podem ser dissociadas da “exploração burguesa”. Por exemplo, “a elaboração dos métodos de trabalho mais corretos” são “corretos” tão somente em

relação à otimização do tempo para a produção de mercadorias. Sem considerar isso, o leitor pode ter a impressão de que aquilo seria *inerentemente* o “correto”, sem considerar os interesses burgueses por trás do desenvolvimento dos métodos tayloristas. Ou seja: é o “correto” caso se tenha como objetivo a intensificação da extração do mais-valor, mas não é o “correto” se partirmos do pressuposto do processo da destruição da alienação do trabalho e a possibilidade de emancipação humana.

Outro exemplo é a afirmação que dá continuidade a anterior: “a introdução dos *melhores* sistemas de registros e controle”. Ao afirmar isso, ele está se referindo, por exemplo, à cronometragem, que foi duramente criticada pelos operários submetidos ao taylorismo, e tem como função regular o tempo. Quem possui o interesse em regular o tempo minuciosamente é aquele que está interessado na extração do mais-valor e na maior produtividade. Portanto, ele não é o “melhor” sistema de controle para os operários, principalmente se partirmos do pressuposto de que uma sociedade emancipada deve, necessariamente, se livrar do trabalho alienado.

Dando continuidade à sua argumentação, que parte de uma perspectiva fragmentada da realidade, Lenin deixa clara a ideia de que seria possível tomar alguns elementos do taylorismo que agiriam, supostamente, “a favor” dos trabalhadores, desde que houvesse adaptações. Tal aspecto é confirmado no seguinte trecho:

A República Soviética deve adotar a todo o custo as conquistas mais valiosas da ciência e da técnica neste domínio. A possibilidade de realizar o socialismo é determinada precisa pelos nossos êxitos na combinação do Poder Soviético e da organização soviética da administração com os últimos progressos do capitalismo. Tem de se criar na Rússia o estudo e o ensino do sistema de Taylor, a sua experimentação e adaptação sistemáticas (LENIN, 2017, p. 332-333).

Lenin enfatiza a preocupação com a administração (“política e econômica”), mas apontando que a administração econômica e a sua emulação são coisas mais difíceis de ser concretizadas. Por isso ele aponta para a necessidade de se criar dirigentes que saibam guiar o trabalho do “povo”.

Nós continuaremos no nosso caminho, tentando pôr à prova e identificar, com o maior cuidado e circunspeção possíveis, os verdadeiros organizadores, os homens de bom senso e com sagacidade prática, os homens que reúnam a fidelidade ao socialismo com a capacidade de

organizar sem barulho (e apesar da barafunda e do barulho) o trabalho comum, firme e concertado de grande quantidade de pessoas no âmbito da organização soviética. Só essas pessoas, depois de provadas dez vezes e elevando-as das tarefas mais simples às mais difíceis, devemos promover os postos responsáveis de dirigentes do trabalho do povo, de *dirigentes da administração*. Ainda não aprendemos a fazê-lo. Mas aprenderemos (LENIN, 2017, p. 337, grifos nossos).

Assim, a ideia é fazer não com que os trabalhadores se (auto-)organizem, mas sim que alguém saiba dirigi-los de forma “científica” e racional. Essa é a expressão da constituição de relações burocráticas, de divisão entre o trabalho intelectual e o manual (exatamente como Taylor concebia sua organização do trabalho). Nesse sentido, a figura do líder que dirige a população é enfatizada em outros momentos deste texto, não apenas em relação à direção política, mas também à das indústrias:

Quanto à segunda questão, do significado precisamente do poder ditatorial unipessoal do ponto de vista das tarefas específicas do momento presente, devemos dizer eu toda a grande indústria mecanizada – isto é, precisamente a fonte e a base material, produtiva, do socialismo – exige uma *unidade de vontade* absoluta e rigorosíssima que dirija o trabalho comum de centenas, milhares e dezenas de milhares de pessoas. Tanto tecnicamente como economicamente e historicamente essa necessidade é evidente e quantos pensaram no socialismo sempre a reconheceram como sua condição. Mas como pode ser assegurada a mais rigorosa unidade de vontade? Por meio da subordinação da vontade de milhares à vontade de um só (LENIN, 2017, p. 345, grifos do autor).

Lênin não aponta apenas a necessidade de se estabelecer uma autoridade dirigente para guiar os trabalhadores, subtendo-os a vontade de um só indivíduo, mas também à disciplina do trabalho.

É preciso consolidar que nós próprios conquistamos, o que nós próprios decretamos, legalizamos, discutimos, projetamos, consolidar em formas estáveis de uma *disciplina do trabalho diária*. Esta é a tarefa mais difícil, mas também a mais grata, pois só a sua resolução nos dará a ordem socialista. É preciso aprender a conjugar o democratismo dos comícios das massas trabalhadoras, tempestuoso, que corre como a cheia primaveril, que transpõe todas as margens, com a disciplina *férrea* durante o trabalho, com a *obediência sem reservas* à vontade de uma só pessoa, do dirigente soviético, durante o trabalho (LENIN, 2017, p. 348-349, grifos do autor).

Desse modo, não é surpreendente a simpatia do líder russo em relação a Taylor, já que um dos principais fatores que fez com que o engenheiro norte-americano começasse a constituir sua ideologia foi a necessidade de acabar com o que ele denomina de “vadiagem do trabalho”. Por isso Taylor também enfatiza a disciplina e o controle dos dirigentes da indústria sob ela, onde os operários deveriam

se subordinar totalmente aos ditames de como trabalhar. As atitudes dos trabalhadores deveriam ser sempre vigiadas e fiscalizadas.

Outro elemento que é citado por Lênin e que também está em consonância com Taylor é a justificativa de que essas atitudes levariam à “ordem social”. Mas, no fim, todas essas concepções comuns às duas figuras têm como origem a valorização e constituição de relações burocráticas caracterizadas pela separação entre dirigidos e dirigentes; entre trabalho intelectual e trabalho manual. A reprodução, enfim, das relações de produção capitalistas e o aumento da produtividade a partir destes moldes.

Mas, além disso, o líder russo argumentava que com a introdução do taylorismo, seria possível que os operários trabalhassem menos e assim conseguiriam participar da “vida política” (na verdade, das decisões do falso “Estado Operário”). O que é uma piada de mau gosto, levando em consideração todos os elementos já apontados neste texto. Quem participava dessa “política” era a cúpula partidária (comitê central), e não os trabalhadores, sendo que essa ideia era intrínseca ao bolchevismo pela sua própria ideologia da vanguarda.

Em última instância, o elemento mais importante colocado pelo argumento de Lênin versa sobre o pretenso e aparente caráter neutro da técnica e ciência. No caso do taylorismo, para ele, seria possível separar a “refinada crueldade” da “riquíssimas conquistas científicas” deste sistema de organização do trabalho. A pretensa neutralidade das “conquistas científicas” que Lênin tanto se apoia não existe. Aqui, trata-se da questão entre técnica e ciência, enquanto saberes que, independente da sociedade a qual se encontram, possuem autonomia do social. Ou seja, a pretensa neutralidade faz com que determinada técnica possa ser utilizado para outros fins que não seja aquele para o qual ele foi criado.

Não cabe aqui resgatar todo o acúmulo sobre a discussão acerca da neutralidade científica; já é claro que essa pretensão é impossível e serve a determinados interesses de classe. Mas a crítica a neutralidade técnica é um passo ainda nebuloso para alguns. Nesse sentido, Herbert Marcuse nos fornece alguns elementos importantes sobre essa questão. Em seu livro *A Ideologia da Sociedade*

Industrial: O Homem Unidimensional, o autor coloca que é impossível retirar o caráter histórico e social de qualquer produção técnica humana. Isto significa dizer que a técnica (e um de seus produtos: a tecnologia) materializam interesses e perspectiva de classe, etc.

A noção tradicional de “neutralidade” da tecnologia não mais pode ser sustentada. A tecnologia não pode, como tal, ser isolada do uso que lhe é dado; a sociedade tecnológica é um sistema de dominação que já opera no conceito e na elaboração das técnicas. [...] O potencial de produtividade e crescimento desse sistema estabiliza a sociedade e contém o progresso técnico dentro da estrutura de dominação. A racionalidade tecnológica ter-se-á tomada racionalidade política (MARCUSE, 1982, p. 19-20).

A concepção de qualquer técnica ou tecnologia está, diretamente, moldada pelas relações instituídas na sociedade. E se vivemos em uma sociedade de classe, é impossível que a produção do produto técnico não esteja moldada por essas mesmas relações e suas finalidades:

[...] em cada escolha técnica está presente um olhar específico do (a) engenheiro(a) sobre a interação de seu “modelo”, seja com o mercado, com o Estado, com a sociedade, com o capital, com o trabalho, ou na relação entre eles. Seria lícito inferir que em cada projeto elaborado por um(a) engenheiro(a), estaria implícita – ou explícita – uma ideologia, expressa num modelo técnico, numa concepção de tecnologia ou numa política de gestão de pessoas e de relações de trabalho, baseadas em relações de poder restabelecidas de uma suposta neutralidade técnica de estudos sobre os processos de produção e do trabalho (RUTKOWSKI; LIANZA, 2004, p.16).

Nesse sentido, não é possível desvincular a “refinada crueldade” das “riquíssimas conquistas científicas”, pois esta última só existe para fundamentar e contribuir com a primeira. Ou seja, é impossível desvincular meio e fins. O taylorismo, por tudo o que já foi dito, foi uma forma, sistemática de aumentar a produtividade e, portanto, de maior extração de mais-valor dos trabalhadores. É, logo, uma técnica de organização de trabalho essencialmente capitalista, feita para a exploração e dominação.

Um dos artifícios discursivos utilizados por Lênin para fazer essa inversão é a sua “argumentação” que o sistema Taylor seria utilizado e controlado pelos próprios trabalhadores. Isso entra em contradição⁹ com suas próprias formulações e ações

⁹ Uma constância no pensamento de Lênin, que servia para justificar seus interesses de forma pragmática e oportunista.

anteriores, onde, deliberadamente, contribuiu para o esvaziamento do poder dos *soviets* e, portanto, dos próprios trabalhadores. Na verdade, mesmo que isso fosse levada em consideração, como fazer com que o taylorismo esteja sob controle dos trabalhadores sendo que sua característica fundamental é justamente a perda de controle dos trabalhadores?

A ambição de Lênin de instaurar o taylorismo no capitalismo estatal russo é fracassado um pouco antes do lançamento da NEP (Nova Política Econômica) em 1921, após o período da guerra. No entanto, o taylorismo teve papel importante, norteador e influenciador, para o ataque que o partido bolchevique deferiu na autonomia dos trabalhadores. Citemos alguns deles.

No IV Congresso Pan-Russo dos Sovietes¹⁰ em março de 1921, por exemplo, foi tomada as medidas imediatas para reforçar a autoridade empresarial, restabelecendo a disciplina no trabalho e do uso de incentivos materiais sob a supervisão das organizações ligadas diretamente ao partido (BRINTON, 1975).

Em abril do mesmo ano, o Conselho Central dos Sindicatos, emanado do Conselhos dos Comissários dos Povos, colocava que era objetivo dos sindicatos “envidar os esforços para aumentar a produtividade do trabalho e criar de fato, nas fábricas e oficinas, as raízes indispensáveis a disciplina [...] fixar as normas de produtividade para cada ofício e categoria de operários” (NARODNOYE KHOZYAISTVO, 1918 apud BRINTON, 1975, p. 109). Além disso, incentivava os trabalhadores com “prêmios para aumentar a produtividade acima das normas estabelecidas” e que “podiam, dentro de certos limites, ser uma medida útil para o conseguir sem fatigar o operário” (NARODNOYE KHOZYAISTVO, 1918 apud BRINTON, 1975, p. 109).

Neste mesmo mês, publica-se na *Isvestya* do Comitê Central Executivo Pan-Ruso, o artigo de Lênin já utilizado aqui, *As Tarefas Imediatas do Poder Soviético*.

Entre as medidas sugeridas figurava a introdução dum sistema de fichas em que se registrava a produtividade de cada operário, a introdução de regulamentos de fábrica em cada empresa, o estabelecimento de uma quota de produção por repartição com o fim de fixar a produção de cada

¹⁰ Como colocamos anteriormente, os congressos dos “*soviets*” só tinham o nome, pois a autonomia e decisão não estavam mais nas mãos dos trabalhadores, mas nos burocratas do partido e do estado.

operário e o pagamento de prêmios pelo aumento da produtividade (BRINTON, 1975, p. 113)

Em dezembro de 1919, Trotsky¹¹ apresenta ao Comitê Central do Partido as famosas “*Teses sobre a transição da guerra para a paz*”. Um dos focos deste documento é a questão da militarização do trabalho. Lênin apoia a questão da militarização proposta por Trotsky¹². De acordo com Brinton (1975, p. 125), “A Guerra Civil conduziu à transformação de toda a grande indústria numa organização logística do Exército Vermelho. Isso fez da política industrial um assunto de estratégia militar”.

A militarização do trabalho foi idealizada de maneira impositiva e autoritária no sentido de que não havia sequer uma preocupação de diálogo com os próprios trabalhadores.

“Não se pode deixar a classe trabalhadora a vagabundar através da Rússia”, anunciou Trotsky no [Nono] Congresso [do Partido, em 1920]. “Devem ser colocados aqui e ali, ordenados, comandados, exactamente como soldados”. “O trabalho obrigatório atingirá o seu zênite durante a transição do capitalismo para o socialismo”. “Os desertores do trabalho devem ser reunidos em batalhões punitivos ou postos em campos de concentração”. Advogava ainda “prêmios incentivos para os trabalhadores eficientes”, “emulação socialista” e falava da “necessidade de adoptar a essência progressiva do Taylorismo” (BRINTON, 1975, p. 152).

[Em agosto de 1920] Concederam-se a Trotsky, Comissário do Transportes, vastos poderes de emergência para experimentar as suas teorias sobre “militarização do trabalho”. Começou por colocar os maquinistas e pessoal das reparações sob a lei marcial. Quando o sindicato dos ferroviários protestou, ele demitiu pura e simplesmente os seus dirigentes e, com o apoio completo e total e a aprovação da chefia do Partido, “nomeou outros, dispostos a sujeitarem-se. Repetiu o processo noutros sindicatos e trabalhadores dos transportes” (BRINTON, 1975, p. 162, grifos do autor).

Mesmo com o fim da guerra civil russa, Trotsky colocava que a arregimentação, militarização e coerção do trabalho não eram tão somente medidas de emergência devido a contexto extremos como uma guerra. O estado soviético tinha direito, mesmo em uma situação estável, de coagir qualquer cidadão a fazer qualquer trabalho e em qualquer altura (DEUTSCHER, 2005). Esta fala de Trotsky foi

¹¹ A propósito de curiosidade, Trotsky também, ao defender a ideia de militarização na Rússia, tinha apresso pelo taylorismo. Além de “prêmios incentivos para os trabalhadores eficientes” colocava também da “necessidade de adoptar a essência progressiva do Taylorismo” (L. Trotsky, Sochineniya, vol. XV, p. 126 apud BRINTON, 1975).

¹² “Mais tarde toda uma mitologia foi construída pelos trotsquistas e outros segundo o qual “Trotsky talvez se tivesse enganado na militarização do trabalho”, mas que Lenine sempre se opôs a Trotsky nessa questão doze meses mais tarde, no fim de 1920” (BRINTON, 1975, p. 143).

feita no III Congresso Pan-Russo dos Sindicatos, onde Lênin igualmente se gaba de ter apoiado a gestão de apenas um indivíduo desde o início (TRADE UNIONS IN SOVIET RUSSIA, 1920 apud BRINTON, 1975).

Todo esse processo dominador não foi aceito de forma passiva pelos trabalhadores russos e indivíduos envolvidos nesta questão. A resistência foi enorme. Levantaram-se greves, organizações anti-bolcheviques começaram a ecoar no território russo e no interior do partido começaram a surgir divergências internas. Ao contrário de como a historiografia tradicional coloca, Lênin enfrentou uma ferrenha oposição ao tentar aplicar o taylorismo na Rússia. Já naquela época, Bogdanov, militante da Proletkult, colocava que o taylorismo seria inadequado para a indústria moderna socialista, pois a “repetição constante da mesma tarefa poderia levar a um embrutecimento dos sentidos podendo ser contraproducente para as necessidades da indústria avançada” (SOCHOR apud BRYAN, 1992, p. 454). Alexandra Kollontai, representando a Oposição Operária, expressava que a produtividade do trabalho, numa sociedade que almejava a transformação social, não viria a partir de técnicas que foram bem-sucedidas numa sociedade e relações de produção capitalistas, “mas de uma nova organização do trabalho fundada na criatividade e iniciativa do trabalhador” (BRYAN, 1992, p. 475). No segundo número da revista *Kommunist*¹³, Osinsky faz uma denúncia sintomática¹⁴:

Nós somos pela construção da sociedade proletária pela criatividade de classe dos próprios operários, e não pelos chicotes dos capitães da indústria [...] Se o próprio proletariado não é capaz de criar os requisitos necessários para a organização socialista do trabalho, ninguém mais poderá fazê-lo nem ninguém poderá obrigá-lo a fazê-lo. A ameaça, se for feita contra os operários, sê-lo-á por uma fora que ou está sob a influência de outra classe social ou está nas mãos do poder soviético [...] O socialismo e a organização socialista ou serão construídos pelo próprio proletariado ou não poderão ser construídos de modo algum. Em seu lugar será construída outra coisa: o *capitalismo de Estado* (OSINSKY, 1918 apud BRINTON, 1975, p. 111, grifos nossos).

A emergência e nascimento do que ficou conhecido como comunistas de conselhos (especialmente Pannekoek, Gorter, Ruhle, etc.) apontava para a radical

¹³ Jornal dos “comunistas de esquerda”, editado por Bukharin, Radek e Osinsky e posteriormente Smirnov.

¹⁴ *Kommunist*, nº 2, abril de 1918, p. 5.

rejeição do bolchevismo e da ideia de vanguarda, partido, etc. Foram eles que expressaram, teoricamente, o movimento revolucionário do proletário. Os trabalhadores, igualmente, forjaram suas armas e reivindicaram o resgate da autogestão de suas lutas, denunciando a dominação bolchevique. A revolta dos marinheiros de Kronstadt, já em 1920, foi uma das mais dramáticas revoltas contra o estado soviético:

O aperto estatal não afrouxa quando termina a guerra em dezembro de 1920 [a guerra civil russa]. A subordinação dos soviets à vontade exclusiva do Partido, a militarização dos sindicatos já privados de independência, a supressão dos mercados e as exigências mais duras que já atingiram o campesinato provocaram um descontentamento que é partilhado tanto pelo proletariado quanto pelo campesinato. É nesta situação explosiva que os marinheiros de Kronstadt, cuja maior parte é de origem camponesa, e que são apoiados por uma importante fração da população operária de Petrogrado, lançam um apelo pelo retorno à democracia soviética. De certo modo, esse é o último ato de uma comoção revolucionária que, realizada graças à conjunção dos soviets autônomos e de um partido rigorosamente disciplinado, encaminha-se inexoravelmente para a ditadura exclusiva do Partido Comunista (ARVON, 1984, p. 15).

No final deste íterim, o taylorismo, enquanto sistema acabado, não foi totalmente efetivado na Rússia, como almejava Lênin e outros indivíduos do Estado Bolchevique. Empenho não faltou, inclusive muitos dos elementos anunciados por Taylor, para maior produtividade da cadeia produtiva, foram implementados: aprofundamento entre concepção e execução, pagamento por peças, maior controle do trabalho, etc. Em toda a história do capitalismo estatal russo, do final de 1917, até a sua dissolução, em 1991, os trabalhadores não tiveram o mínimo meio de influenciar e autogerir os acontecimentos que giravam em torno da produção, muito menos de sua vida na totalidade. A burocracia teve papel fundamental na castração das lutas e conquistas feitas pelos próprios trabalhadores. Como bem lembra Ingolf Diener:

Um Lombardo Radice, por exemplo, fala de "Socialismo Despótico"; outros falam de "Socialismo de Estado"; outros, ainda, de "Capitalismo de Estado". Na verdade, tudo depende do ponto de vista. Se considerarmos o ponto de vista do operário, que vende sua força de trabalho, como mercadoria, ao Estado já que é o Estado que gerencia a economia e as empresas - para ele, operário é o mesmo que viver sob o capitalismo (DIENER, s/d).

Mais a frente, no entanto, houve uma tentativa de desenvolvimento maior da implantação do taylorismo e uma das propagandas envolvidas relacionava-se à ideia de operário padrão. Este padrão foi criado a partir de um operário, chamado

Stakhanov que supostamente teria aumentado a produtividade de seu trabalho em um período muito curto de tempo¹⁵. As propagandas soviéticas do período stalinista se aproveitaram dessa história para impor ainda mais aos operários a ideia de produtividade do trabalho, acabando com a “vadiagem”, como diria Taylor.

Além disso, ainda no período em que Lenine era o líder soviético, havia Gastev, o burocrata responsável por desenvolver as especificidades de como se daria o taylorismo efetivamente no território soviético. O interessante é apontar que Gastev fazia parte, anteriormente, aos movimentos de vanguarda artística. Portanto, as suas ideias vão além do âmbito produtivo, no sentido de idealizar uma sociedade altamente mecanizada. A máquina era vista de maneira extremamente positiva e valorizada. E o ser humano, como uma máquina¹⁶. Enfim, o taylorismo desenvolveu diversas consequências além do interior das fábricas, influenciando também a cultura soviética e demais âmbitos desta sociedade.

À guisa de conclusão: que interesse tem Lênin sobre o taylorismo?

Há várias interpretações e respostas para a pergunta-chave que nomeia o nosso tópico. A principal delas, hegemônica, e que se apresenta como oficial do leninismo, é a avaliação acrítica e dogmática blindando Lênin dos julgamentos das suas escolhas. Trata-se da aceitação das teses de Lênin sobre a aplicação do taylorismo na Rússia, acolhendo os argumentos proposto por ele. Fala-se, inclusive, de um possível “taylorismo soviético”, “taylorismo socialista”, etc. Esta é, sem dúvidas, a maneira mais débil e acrítica de se interpretar essa questão. Passados 100 anos da experiência de tomada do poder do Estado pelo Bolchevique e da publicação de *Princípios de Administração Científica* de Frederick Taylor (além de sua aplicação e utilização nas relações de produção capitalista), já nos é possível ter uma ideia clara e cristalizada, dado ao distanciamento temporal, sobre os significados históricos e consequências ao movimento operário do taylorismo.

¹⁵ Cf. Augustin (2015); Lazagna (2002; 2017); Rago e Moreira (1984).

¹⁶ Sobre a influência do taylorismo nas artes, bem como o as ideias de Gastev, cf. Miguel (2007).

Se compreendermos o taylorismo enquanto um processo de controle da força de trabalho a partir dos moldes racionais (no sentido de racionalização) e que tem como objetivo a extração de mais-valor relativo (aumento da produtividade), então as demais formas posteriores de organização científica do trabalho¹⁷ são derivadas e são extensões e adaptações históricas do sistema de Taylor, ligadas, sobretudo, às necessidades e ao desenvolvimento da acumulação de capital. Os mais de 100 anos de experiência com essa maneira racionalizada de se pensar o controle da força de trabalho já é o suficiente para demonstrar a impossibilidade de sua utilização para benefício dos trabalhadores e, sobretudo, para sua emancipação. Logo, esta maneira de pensar, essa justificativa espúria leninista não faz sentido e é meramente uma forma de aceitar os interesses ocultos de Lênin sobre essa questão.

Uma outra forma de interpretar o significado das teses de Lênin acerca do sistema Taylor é a partir da justificção. Nesta forma de pensar há uma aceitação crítica das escolhas de Lênin, constrangido pelo contexto histórico que enfrentava a Rússia no início do século. Aqui as adversidades históricas encontradas pelo Partido Bolchevique justificam muitas das escolhas feitas pelo comitê central. A desolação e conflito da primeira guerra mundial, o contexto da fome e da miséria generalizada, o período da guerra civil que durou anos, a intervenção de exércitos estrangeiros – alemães, ingleses, norte-americanos e checos – auxiliados, por algumas regiões no interior do território russo, por generais czaristas (como Kolchak, Denikin, Wrangel), que possuíam o interesse de restabelecer o capitalismo privado (TRAGTENBERG, 2008). Para esta forma de pensar, todas essas adversidades devem ser consideradas, posto que o partido bolchevique teve tanto que enfrentar todo esse contexto, quanto “reorganizar” a “economia” russa e elaborar (de cima para baixo, diga-se de passagem) a “nova sociedade” soviética¹⁸. Portanto, para eles, é justificável. A população precisava comer, as invasões deveriam ser contidas, etc. e, para isso, medidas deveriam ser tomadas. O vislumbre do taylorismo veio sob essa esteira.

¹⁷ Fordismo, fayolismo, toyotismo, etc.

¹⁸ “Lênin e Trotski criam algo original: uma república soviética sem sovietes!” (TRAGTENBERG, 2008, p. 48).

Será? A utilização deste argumento, em nossa perspectiva é inválido nessa questão; até mesmo traiçoeiro. A linha tênue entre o que de fato foi impelido pelo contexto histórico ou estruturado a partir de uma forma, sistemática, da mentalidade burocrática e de uma forma de organização política igualmente burocrática, serve, por vezes, a interesses de ofuscamento da verdadeira questão posta. Maurice Brinton, se deparando exatamente com essa questão, responde:

Nesta altura talvez venha o propósito um comentário acerca da atitude dos revolucionários para com “as medidas drásticas” necessárias à salvação da Revolução. Através da história, as massas estiveram sempre preparadas para fazer enormes sacrifícios quando sentiam que estava em jogo qualquer coisa de fundamental. *O verdadeiro problema não é, contudo, discutir se esta ou aquela medida foi ou não “demasiado drástica”. O problema é o de saber de quem proveio a decisão.* Foi tomada por instituições controladas pela base ou foi tomada por algum organismo autônomo e que se auto-perpetua divorciado das massas? Os membros do Partido opostos às medidas propostas nessa altura viram-se numa contradição insolúvel. Denunciaram a política dos chefes do Partido sem realmente entenderem até que ponto as suas concepções organizativas tinham contribuído para o que estava a acontecer à Revolução. Só alguns membros da Oposição Operária de 1921 (até certo ponto) e o Grupo de Operários de Myasnikov de 1922 (em maior grau) começaram a aperceber-se da nova realidade (BRINTON, 1975, p. 144, grifos nossos).

Temos acordo com os argumentos de Brinton. A partir do momento que os trabalhadores, autodeterminados, despossuídos de controle de suas próprias decisões, impotentes ante a dominação burocrática posta pós-tomada do Poder em Outubro de 1917, então qualquer medida feita por cima, pela cúpula burocrática (mesmo essa dizendo representar os interesses dos trabalhadores) já estará em dissonância com o vislumbre revolucionário, posto que é justamente a nova sociabilidade criada pelas organizações autogestionárias dos trabalhadores que possibilitam o desenvolvimento do embrião de uma nova sociedade.

O caráter anticapitalista e socialista da luta operária não se mostra simplesmente nas reivindicações colocadas em pauta, mas também no fato de o proletariado, no processo da luta, criar “organizações horizontais”, igualitárias – comitês de greve, comissões de fábrica, conselhos operários [soviets]. O que corrói o capitalismo é a criação dessas organizações, pois elas negam o verticalismo dos organismos existentes, seja o Estado, o partido ou o sindicato. Estes são despojados de sua finalidade de controle de mão-de-obra, através da ação direta dos trabalhadores (TRAGTENBERG, 2008, p. 14).

Rejeitamos, portanto, tanto a aceitação acrítica quanto a justificação, via “contexto histórico” posto pelos leninistas e pela historiografia tradicional sobre o

taylorismo nos escritos de Lênin e sua tentativa de efetivação integral na Rússia pós-1917.

Qual a nossa perspectiva? Só podemos entender e efetivar o processo analítico se considerarmos a dinâmica das lutas de classe posta na Rússia daquela época. Nesse sentido, é necessário perceber as ações do Partido Bolchevique enquanto ações com determinados interesses de classe. E como já colocamos no início deste trabalho, são os interesses da burocracia. Não retomaremos a discussão acerca desta classe, que já fizemos em trabalho anterior (FERREIRA; TELES, 2017), que pode ser vista em outros autores (LAPASSAGE, 1989; MAKHAISKI, 1981; RIZZI, 1983 e outros) e de formais mais desenvolvida do ponto de vista marxista (VIANA, 2015).

A resolução dos conflitos, para Lênin, só poderia se dar a partir de uma mentalidade burocrática. O taylorismo, então, caiu como uma luva para os problemas da produção capitalista, para aumentar a produtividade. A obra de Lênin significa, historicamente, a tentativa de modernizar o capitalismo de modo estatizante.

Por isso o taylorismo tem um papel importante em seus escritos e na sua prática política enquanto dirigente máximo do estado soviético. Além disso, uma das consequências do sistema Taylor é o aumento dos “gerentes científicos”, encarregados de aplicar o conhecimento técnico-científico na organização de trabalho e controlar os trabalhadores. Estes “gerentes científicos”, nada mais são que os burocratas empresariais – mas diferente do capitalismo privado norte-americano e europeu da época, a especificidade da burocracia empresarial na Rússia era que também estavam ligados, de certa maneira, a burocracia estatal e partidária ou, ainda, eram os mesmos burocratas empresariais do antigo capitalismo privado russo¹⁹. Brinton, ao comentar o texto de Lênin *As Tarefas Imediatas do Governo*

¹⁹ “Os operários não podiam construir o socialismo sem um período de aprendizagem com a inteligência burguesa. O pagamento de altos salários e de prêmios aos especialistas burgueses foi, portanto, sancionado. Era o preço que o novo Estado proletário tinha de pagar aos técnicos e cientistas burgueses pelos serviços que não podia dispensar” (BRINTON, 1975, p. 138)

Soviético²⁰ e suas resoluções propostas (e posteriormente aprovadas pelo comitê central) que busca controlar mais ainda a força de trabalho, coloca:

Teria Lenine pressentido os aspectos potencialmente nocivos destas propostas? Nunca saberemos. Uma coisa é certa, contudo, ele nunca os mencionou. De qualquer maneira, não é preciso muita imaginação para pensar que os escriturários (assentando a “produtividade de cada operário”) e os empregados (controlando a “quota de produção por repartição”) iriam tornar-se os elementos constitutivos de uma nova camada burocrática (BRINTON, 1975, p. 113).

O que Brinton chamam de “uma nova camada burocrática” é justamente a emergência dessa burocracia empresarial a qual comentamos. Trata-se de um dos interesses imediatos da burocracia enquanto classe sendo posta em funcionamento: a sua própria ampliação, a constituição de novos departamentos (ou chama-se lá o que quiser) e cargos para a efetivação de maior controle e dominação.

Em síntese, o taylorismo estava de acordo com a ação de Lênin em desenvolver o capitalismo, na forma estatal, na Rússia. Técnicas capitalistas para fins e relações de produção capitalistas.

A conclusão que retiramos do itinerário tanto histórico quanto teórico a qual expressamos aqui é claro: Lênin, a partir de seus escritos, legitimou, de forma ideológica, a contrarrevolução burocrática na Rússia. Seu papel foi fundamental e é o representante intelectual máximo da burocracia a qual ele representava. Cumprimos o objetivo do texto efetivando mais uma crítica ao leninismo, pois ele ainda perdura enquanto uma pedra no sapato do movimento operário. Lênin e o leninismo não possui nada de revolucionário; é necessário deixar claro isso tanto para os trabalhadores, quanto por militantes bem-intencionados que, lubrificados pelas deformações leninistas, buscam contribuir para a transformação social em organizações burocráticas. Não é possível criar o novo reproduzindo o velho.

²⁰ Sobre o título deste artigo do Lênin, há um fato curioso: cada tradução coloca um título de diferente. Por exemplo, a versão brasileira da Expressão Popular (2017) e da Alfa & Ômega (1980) nomeia como *As Tarefas do Poder Soviético*; a tradução portuguesa, da editora Afrontamento (1975) coloca como *As Tarefas do Governo Soviético*. As traduções, com qualquer outra produção social, não escapam das lutas de classes. Entre **poder** e **governo** há uma diferença muito grande.

Referências

- ARVON, A. *A Revolta de Kronstadt*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1984
- AUGUSTIN, A. C. Gestão das fábricas na URSS: é possível um taylorismo socialista?. In: *Colóquio Internacional Marx e o Marxismo 2015: Insurreições, passado e presente*, 2015, Niterói. Anais do Colóquio Internacional Marx e o Marxismo 2015: Insurreições, passado e presente, 2015. Disponível em:
https://www.academia.edu/9303344/Gest%C3%A3o_das_f%C3%A1bricas_na_URSS_%C3%A9_poss%C3%ADvel_um_taylorismo_socialista. Acesso em: 02 de out. de 2017.
- BRINTON, M. *Os bolcheviques e o controle operário*. Porto: Afrontamento, 1975.
- BRYAN, N. A. *Trabalho, Tecnologia e Educação*. 1992. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Unicamp, Campinas, 1992, v. I e V II.
- DEUTSCHER, I. *Trotski: O Profeta Armado [1879-1921]*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2005.
- FERREIRA, A; TELES, G. Período de Transição ou Contrarrevolução Burocrática? Crítica ao Leninismo e seus Desdobramentos Históricos. *Revista Enfrentamento*. Goiânia: ano 12, N. 21, jan./jun. 2017.
- LAPASSADE, G. *Grupos, Organizações e Instituições*. 3ª edição, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1989.
- LAZAGNA, A. *Lenin, as forças produtivas e o taylorismo*. Campinas. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 2002.
- _____. Lenin e o “taylorismo soviético”: uma abordagem crítica. *Ponto e Vírgula*, PUC-SP, n. 21, primeiro semestre de 2017, p. 36-53. Disponível em:
<https://revistas.pucsp.br/index.php/pontoevirgula/article/view/33632>. Acesso em: 02 de out. de 2017.
- LENIN, V. El taylorismo es la esclavización del hombre por la máquina. *Debates*, La juventud, 22 de set. de 2013b, p. 4.
- _____. As tarefas imediatas do poder soviético. In: *Obras escolhidas*. São Paulo: Alfa-Omega, vol. 02, 1980.
- _____. Sistema “científico” de estrujar el sudor. *Debates*, La juventud, 22 de set. de 2013a, p. 4.
- _____. Tarefas imediatas do poder soviético. In: NETTO, J. P (org). *Lenin e a Revolução de Outubro*. Textos no calor da hora (1917-1923). São Paulo: Expressão Popular, 2017, p. 307-353.
- MAKHAISKY, J. Ciência Socialista, A Nova Religião dos Intelectuais. In: TRAGTENBERG, M. (org.) *Marxismo Heterodoxo*. São Paulo, Brasiliense, 1981.

MARCUSE, H. *A Ideologia da Sociedade Industrial: O Homem Unidimensional*. 6. edição, Rio de Janeiro, Zahar, 1982.

MIGUEL, J. D. O taylorismo soviético como front cultural. *Projeto História*, São Paulo, n. 34, jun. 2007, p. 109-131. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/2469>. Acesso em: 02 de out. de 2017.

NOBLE, D. *La loucura de la automatización*. Barcelona: ALikornio, 2001.

PANNEKOEK, A. *Os conselhos operários (1936)*. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/pannekoe/1936/mes/conselhos.htm>. Acesso em: 02 de out. de 2017.

RAGO, L. M.; MOREIRA, E. F. P. *O que é taylorismo*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

RIZZI, B. *A Burocratização do Mundo*. 1º parte, Lisboa, Antígona, 1983.

RUTKOWSKI, J.; LIZAN, S. Sustentabilidade de empreendimentos solidários: que papel espera-se da tecnologia? In: LASSANCE JR, A. et al. *Tecnologia Social - uma estratégia para o desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Fundação Banco do Brasil, 2004, p. 167 a 186.

TAYLOR, F. W. *Princípios de administração científica*. São Paulo: Atlas, 1995.

TRAGTENBERG, M. *Reflexões sobre o socialismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2008.

VIANA, N. Burocracia: Forma Organizacional e Classe Social. *Revista Marxismo e Autogestão*. Ano 02, num. 03, jan./jun. 2015.

_____. *O capitalismo na era da acumulação integral*. São Paulo: Ideias & Letras, 2009.